

DIOCESE DO PORTO



TODOS ESPERAM POR TI!

ABRE-NOS CAMINHOS DE ESPERANÇA!

CAMINHADA DIOCESANA DO ADVENTO DE 2025
À FESTA DO BATISMO DO SENHOR 2026

APÊNDICE

EQUIPA DE APOIO
À COORDENAÇÃO DIOCESANA
DA PASTORAL



Neste Apêndice ao texto da Caminhada Diocesana do Advento 2025 ao Batismo do Senhor 2026, partilhamos um roteiro mais desenvolvido, para abrir caminhos de esperança, procurando pistas de reflexão, quer em torno da temática jubilar da esperança, quer à volta da sinodalidade, como mentalidade e prática. Não se trata de esquemas de Homilia, mas de reflexões, que podem ajudar também nesse campo, como em outros espaços de escuta, diálogo e partilha. Partindo da espiritualidade destes tempos litúrgicos, inspirados na Liturgia da Palavra e na mensagem de cada Domingo, Festa ou Solenidade, procuramos elaborar algumas pistas de reflexão e de ação, em perspetiva sinodal, que nos deem uma esperança realista de abrir novos caminhos.

Os textos neste apêndice contêm excertos de vários documentos do Magistério da Igreja e do nosso Bispo Diocesano, do nosso Plano Diocesano de Pastoral (PDP2025-2028) e do Documento Final dos Bispos sobre a sinodalidade (DF).

Resumidamente:

- **1.º DOMINGO DO ADVENTO**
Caminheemos à luz do Senhor!
Vamos juntos na alegria e na esperança.
Atitude sinodal: caminhar juntos.
- **2.º DOMINGO DO ADVENTO**
Caminheemos na esperança:
Todos atores e destinatários da mudança.
Atitudes sinodal: a conversão.
- **SOLENIIDADE DA IMACULADA CONCEIÇÃO**
Com Maria, conjugueemos os verbos sinodais:
escutar, discernir e decidir.
Atitude sinodal: escutar com humildade, falar com franqueza

- **3.º DOMINGO DO ADVENTO**
Esperar com paciência e alegria.
O verdadeiro fruto é o processo.
Atitude sinodal: exercitar a virtude da paciência, com alegria.
- **4.º DOMINGO DO ADVENTO**
Surpreendidos pela esperança.
Os caminhos de Deus não são os nossos.
Atitude sinodal: Estar receptivo a mudar de opinião e de posição.
- **SOLENIIDADE DO NATAL:**
A esperança é Deus conosco.
Celebremos juntos o Natal.
Atitude sinodal: Celebrar o Natal com todos na grande família (comunidade cristã)
- **FESTA DA SAGRADA FAMÍLIA**
A família, primeira escola de sinodalidade
Caminhemos na esperança!
Atitude sinodal: Dialogar mais e melhor em casa.
- **SOLENIIDADE DE SANTA MARIA, MÃE DE DEUS**
Toda a nossa esperança é alcançar a Paz de Cristo.
Caminhemos em Paz.
Atitude: Atitude: Transformar a Mensagem do Papa num voto de Ano Novo.
- **SOLENIIDADE DA EPIFANIA DO SENHOR**
Os Magos peregrinos de esperança:
Uma troca de dons.
Atitude: partilhar ideias, partilhar os dons
- **FESTA DO BATISMO DO SENHOR**
O que é de todos diz respeito a todos.
Todos esperamos por ti!
Atitude: assumir um compromisso para a transformação da comunidade.

1.º DOMINGO DO ADVENTO A

Caminhemos à luz do Senhor!

Vamos juntos na alegria e na esperança.

Caminhemos à luz do Senhor. Este é o convite de Isaías, na 1.ª leitura. Caminhemos juntos, vamos com alegria e esperança para Belém, para o Presépio, para a Casa do Caminho. O convite dirige-se à Casa de Jacob, à Igreja, à comunidade: vinde, subamos, caminhemos, levantemo-nos... Queremos ser um Porto peregrino, um Povo de Deus que não se instala, que se põe a caminho. Juntos podemos discernir melhor os sinais, conhecer a vontade de Deus. Caminhemos juntos. Deixemos que caminhem connosco os nossos companheiros, caminheiros de esperança: Isaías, João Batista, José, Maria, os Pastores, os Magos... Num mundo dilacerado e sem paz, o Espírito Santo educa-nos verdadeiramente a caminhar juntos.

Caminhar juntos é o que define, no essencial, uma Igreja sinodal. Mas o que é isso de uma Igreja sinodal? Dito de modo simples, é uma Igreja, ao serviço do Reino, em que todos caminham juntos: juntos na escuta da Palavra de Deus e da vida, juntos na celebração da Eucaristia e dos Sacramentos, juntos no testemunho da caridade, juntos no desejo de anunciar Cristo e de O levar aos outros. **Só assim, juntos na escuta e no diálogo com a Palavra, é que podemos ouvir e discernir o que o Espírito nos tem a dizer** e a interpretar os sinais da vinda do Senhor, que vem e está sempre presente e escondido no meio de nós. O risco é o de que, ao passar, nós nem sequer nos darmos conta.

Caminhando juntos, nas nossas comunidades, podemos colaborar e tomar as melhores decisões, em que todos se sintam escutados, envolvidos e responsabilizados. Juntos podemos discernir a presença de Deus na vida diária. Esta sinodalidade exige, por isso, que cada um renuncie àquele «só eu é que sei». Na verdade, *“ninguém pense ter todas as respostas. Cada um partilhe com abertura o que tem. Todos acolham com fé o que o Senhor inspira”* (Leão XIV, Homília, 1.09.2025). Este é o objetivo cimeiro e primeiro do nosso Plano Pastoral, para este triénio de 2025 a 2028: *“envolvermos todos e desenvolvermos juntos percursos e recursos para a implementação de uma Igreja sinodal”* (PDP 2025-2028, I,1).

“Segue-se o Senhor pelo caminho, não O seguimos fechados nas nossas comodidades, não O seguimos nos labirintos das nossas ideias: seguimo-Lo pelo caminho. E lembremo-nos sempre disto: não caminhar por conta

própria ou segundo os critérios do mundo, mas caminhar juntos, pelo caminho, atrás d'Ele e caminhando com Ele. Irmãos e irmãs: não uma Igreja sentada, mas uma Igreja em pé. Não uma Igreja muda, mas uma Igreja que acolhe o grito da humanidade. Não uma Igreja cega, mas uma Igreja iluminada por Cristo, que leva aos outros a luz do Evangelho. Não uma Igreja estática, mas uma Igreja missionária, que caminha com o Senhor pelas estradas do mundo" (Papa Francisco, Homilia 27.10.2024).

Perguntemo-nos sobre o nosso modo de caminhar: *Juntos ou cada um para seu lado? Quem são os nossos companheiros de caminho? Procuramos caminhos de futuro ou persistimos nos caminhos sem saída?*

2.º DOMINGO DO ADVENTO A

Caminhemos na esperança:

todos atores e destinatários da mudança.

"Sairá um ramo do tronco de Jessé e um rebento brotará das suas raízes" Jessé (cf. Is 11, 1). O rebento que brota de um toco velho, é um sinal e uma bela imagem da esperança. Estamos diante de um novo início em que a humanidade é chamada a reconhecer um recomeço da história da salvação e a repensar o caminho como uma relação de amor. Onde parece não haver vida, ela brota do que está já esquecido, abandonado, descartado. Com efeito, Jesus é a esperança de Israel que se cumpre: é o rebento que brota do tronco de Jessé (cf. Is 11, 1), o «rebento justo», destinado a reinar como verdadeiro rei, que sabe exercer o direito e a justiça (cf. Jr 23, 5; 33, 15). Os animais «inimigos», que dormem e pastam juntos são uma expressão do nosso sonho de justiça e de paz. Nestas quatro semanas de Advento, a liturgia recorda-nos que o Senhor, que há veio na humildade da sua natureza humana, vem todos os dias às nossas vidas e voltará gloriosamente no final dos tempos. Esta certeza leva-nos a olhar para o futuro com confiança, como nos convida o profeta Isaías, que com a sua voz inspirada acompanha todo o caminho do Advento. Recordou-nos Dom Manuel Linda na Homilia da peregrinação diocesana jubilar a Fátima: *"O Deus de Jesus Cristo faz novas todas as coisas (Ap 21,5). Ele abre-nos clarões de esperança, quando o mal parece vencer (cf. Gn, 3,15)! Neste Jubileu e para além dele, avancemos juntos, "por caminhos de esperança", optando por aquilo que tem futuro. Que o Espírito Santo nos converta a todos em instrumentos ativos daquela mudança, que Deus sonha para a Igreja do Porto: "uma Igreja mais missionária, centrada unicamente no anúncio alegre e feliz do Evangelho, na celebração digna*

*e festiva dos mistérios de Cristo e na vivência apaixonada e contagiante de Cristo, em palavras de esperança e em gestos de amor” (PDP 2025-2028, Pórtico, 2)” (Dom Manuel Linda, Homilia, 20.09.2025). “A esperança não nos deixa instalados em imitações do passado, nem afogados ou desorientados nos compromissos do presente. Ela dá-nos uma visão de futuro, na consciência e na experiência de sermos sempre um povo peregrino. Passo a passo, guiados pelo Espírito, «o caminho faz-se caminhando» juntos. Queremos ser um Porto peregrino, um Povo de Deus que não se instala, que se põe a caminho, por caminhos de esperança” (PDP 2025-2028, Pórtico, 1). Porque o caminho continua e o caminho faz-se caminhando, passo a passo. Nós queremos continuar o caminho aberto, mas fazê-lo sempre por caminhos de esperança, optando por aquilo que tem futuro. Procuremos avançar, por caminhos de esperança, dando pequenos e grandes passos, que façam a diferença e que concretizem a mudança efetiva, por que esperamos. “Praticai ações que se conformem à conversão”, exorta João Batista. Isso implica muitas vezes acreditar de novo, recomeçar. E nós recomeçamos a partir desta originalidade de Deus, que resplandeceu em Jesus e que agora nos compromete a servir, a amar fraternalmente, a reconhecer-nos pequeninos. E a ver os mais pequeninos, a ouvi-los e a ser a sua voz. Este é o novo início, este é o nosso jubileu! E por isso devemos recomeçar... O Documento Final do Sínodo acentua a necessária conversão pessoal e pastoral, das nossas relações, processos e vínculos. **Começa em ti, por ti, a mudança, que desejas ver à tua volta.** Interroguemo-nos: que mudanças espero da Igreja e do mundo que possam começar em mim? Qual o caminho de esperança que preciso de abrir?*

SOLEINIDADE DA IMACULADA CONCEIÇÃO

Com Maria, conjuguem os verbos sinodais: escutar, discernir e decidir.

«Na Virgem Maria, vemos resplandecer, em plena luz, os traços de uma Igreja sinodal, missionária e misericordiosa. Maria é, de facto, a figura da Igreja que escuta, reza, medita, dialoga, acompanha, discerne, decide e age” (DF 29). São muitos os verbos sinodais! São, de facto. Aprendamos de Maria a crescermos juntos como Igreja Sinodal, destacando apenas três atitudes tão marianas quanto sinodais (cf. Dom Manuel Linda, Homilia. 20-09.2025):

Primeira: uma Igreja sinodal é uma Igreja que escuta. A Mãe de Jesus é proclamada bem-aventurada por Jesus, precisamente “por ouvir a

Palavra de Deus e a pôr em prática” (Lc 11,28). A escuta é a primeira dimensão a desenvolver numa Igreja de estilo sinodal: escuta de Deus e da sua Palavra, escuta dos outros e da realidade que nos interpela. O objetivo desta escuta não é o de uma mera consulta ou sondagem de opiniões, para impor ideias próprias ou seguir o pensamento da moda. Não. O objetivo da escuta na Igreja é o de buscarmos juntos, como Maria, a vontade de Deus, para a pormos em prática!

Segunda: uma Igreja sinodal é uma Igreja que procura discernir o que o Espírito Santo lhe tem a dizer. Maria interrogava-se «como será isto»? (Lc 1,34), guardava e «ponderava todas as coisas em seu coração» (cf. Lc 2, 19.51). No silêncio da oração e do coração, Maria medita, pondera, dialoga, pesa, mede, avalia, considera todas as coisas, palavras e acontecimentos, sentimentos e desejos, para os situar em conformidade com a vontade de Deus. Maria ensina-nos o valor fundamental do silêncio interior, condição essencial para um autêntico discernimento. Quem dera que as nossas assembleias, reuniões, encontros, conselhos pastorais, se tornassem lugares marianos de discernimento, na oração e no confronto com a Palavra de Deus. Que estes lugares de escuta, de diálogo, de discernimento, não se reduzam a uma «convenção», a um «parlamento», onde cada um faz vingar as suas ideias, mas se configurem como assembleias de fiéis ouvintes da Palavra, na escuta do que o Espírito Santo tem a dizer à Igreja (Ap 2,7.11.29;3,6,13,22)! *“Ser Igreja sinodal significa reconhecer que não se possui a verdade, mas que juntos a procuramos, deixando-nos guiar por um coração inquieto e enamorado do Amor”* (Leão XIV, Homilia, 26.10.2025).

Terceira: uma Igreja sinodal é uma Igreja que decide e age. Maria não se fica pela escuta e meditação. Ela decide o seu «sim» e imediatamente põe-Se a caminho, em ação, para partilhar o dom mais precioso que recebera: o Filho Jesus. De Maria, aprendemos a ser Igreja em saída, decidida pela missão e não enredada em estéreis e intermináveis discussões. Que as nossas opções e decisões não andem a reboque de grupos de pressão, mas sejam fruto de um caminho de discernimento, percorrido conjuntamente, sob a luz e guia do Espírito Santo. Tenhamos sempre nos pés a pressa da missão!

Perguntemo-nos pela nossa capacidade de escuta de Deus e de escuta dos outros. Perguntemo-nos sobre o modo como fazemos as escolhas da nossa vida (pessoal, familiar, comunitária): *Escutamos a voz de Deus, o conselhos dos mais velhos? Procuramos discernir os sinais de Deus e da sua vontade? Decidimo-nos ou adiamos continuamente as nossas*

opções, por medo ou falta de confiança? Procuremos sobretudo exercitar estas duas coisas tão exigentes: escutar com humildade e falar com franqueza.

3.º DOMINGO DO ADVENTO A

Esperar com paciência e alegria.

O verdadeiro resultado é o processo.

A 2.ª leitura deste domingo da alegria insiste na virtude da paciência. O Papa Francisco desenvolveu uma catequese sobre as virtudes, incluindo esta da paciência (cf. Audiência, 27.03.2024), que vale a pena revisitar. Na Bula de proclamação do Jubileu (*Spes non confundit*, n.º 4) chama-lhe *“a virtude parente próxima da esperança”*. E continua o texto: *“Habitua-mos a querer tudo e agora, num mundo onde a pressa se tornou uma constante. Já não há tempo para nos encontrarmos e, com frequência, as próprias famílias sentem dificuldade para se reunir e falar calmamente. A paciência foi posta em fuga pela pressa, causando grave dano às pessoas; com efeito sobrevivem a intolerância, o nervosismo e, por vezes, a violência gratuita, gerando insatisfação e isolamento. Além disso, na era da internet, onde o espaço e o tempo são suplantados pelo «aqui e agora», a paciência deixou de ser de casa. Se ainda fôssemos capazes de admirar a criação, poderíamos compreender como é decisiva a paciência. Esperar a alternância das estações com os seus frutos; observar a vida dos animais e os ciclos do respetivo desenvolvimento (...). Redescobrir a paciência faz bem a nós próprios e aos outros. Frequentemente São Paulo recorre à paciência para sublinhar a importância da perseverança e da confiança naquilo que nos foi prometido por Deus, mas sobretudo testemunha que Deus é paciente connosco: Ele, que é «o Deus da paciência e da consolação» (Rm 15, 5). A paciência – fruto também ela do Espírito Santo – mantém viva a esperança e consolida-a como virtude e estilo de vida. Por isso, aprendamos a pedir muitas vezes a graça da paciência, que é filha da esperança e, ao mesmo tempo, seu suporte”* (*Spes non confundit*, n.º 4). Em São Paulo, quando a esperança é dirigida para Deus ela *“associa-se a três ideias fundamentais: a espera ou expectativa do futuro, a confiança e a perseverança na espera”* (Pe. David Palatino).

O espírito sinodal faz-nos caminhar com paciência, sem perder a alegria na esperança dos frutos semeados, mais preocupados em desenvolver processos do que em alcançar resultados. Aliás, como disse alguém, “o resultado é o processo desenvolvido”.

Perguntemo-nos: Somos pacientes e persistentes na procura da verdade e do bem e do melhor para a nossa vida pessoal, familiar e comunitária? Como podemos exercitar esta virtude da paciência, sem perder a alegria de caminhar juntos?

4.º DOMINGO DO ADVENTO A **Surpreendidos pela esperança.** **Os caminhos de Deus não são os nossos.**

Neste quarto e último domingo de Advento, o Evangelho (cf. Mt 1, 18-24) guia-nos rumo ao Natal através da experiência de São José, uma figura aparentemente secundária, mas em cuja atitude está encerrada toda a sabedoria cristã.

O que nos diz José hoje? Também nós temos os nossos sonhos, e talvez no Natal pensemos mais neles, falamos sobre eles. Talvez lamentemos alguns sonhos quebrados, e vemos que as melhores expectativas são frequentemente confrontadas com situações inesperadas e desconcertantes. E quando isto acontece, José mostra-nos o caminho: não devemos ceder a sentimentos negativos, como a raiva e o fechamento, este é o caminho errado! Ao contrário, devemos acolher as surpresas, as surpresas da vida, inclusive as crises, com uma atenção: que quando estamos em crise, não devemos escolher apressadamente segundo o instinto, mas deixar-nos peneirar, como fez José, “considerar todas as coisas” e basear-se no critério de fundo: a misericórdia de Deus.

Mateus define José como um homem «justo», um homem que vive segundo a Lei do Senhor, que se inspira nela em todas as ocasiões da sua vida. Portanto, seguindo a Palavra de Deus, José age com ponderação: não se deixa dominar por sentimentos instintivos, nem pelo medo de acolher Maria, mas prefere deixar-se guiar pela sabedoria divina. É um homem que exercita o discernimento, para fazer as escolhas segundo a vontade do Senhor. E esta é a sabedoria de José, que lhe permite não se enganar, abrir-se e tornar-se dócil à voz do Senhor.

Quando se habita a crise sem ceder ao fechamento, à raiva e ao medo, mas mantendo a porta aberta a Deus, Ele pode intervir. Ele é um especialista em transformar crises em sonhos: sim, Deus abre as crises a novas perspectivas que não imaginávamos antes, talvez não como esperamos,

mas como Ele sabe. José é um homem que sabe pôr-se à escuta, para discernir o caminho. E estes são os horizontes de Deus: surpreendentes, mas infinitamente mais amplos e mais belos do que os nossos! Que a Virgem Maria e São José, seu esposo, nos ajudem a vivermos abertos às surpresas de Deus. Que eles nos deem a graça de escutar mais do que falamos, a graça de discernir as escolhas, segundo a vontade de Deus, a graça de sonhar os sonhos de Deus.

Seria importante que, tendo em conta os muitos caminhos de esperança, que nos detivéssemos a discernir, com maior precisão, as prioridades da nossa vida, da nossa paróquia, até mesmo da nossa Diocese, para os próximos anos, colocando a questão de fundo: *“Que cristãos, que paróquia, que Igreja do Porto queremos ser?”*

Mas comecemos por uma coisa muito prática. Perguntemo-nos: *Nas surpresas do caminho, estou disponível para mudar de posição, de opinião, ou mantenho-me rígido, sem abertura, sem capacidade de acolher a novidade com que Deus me surpreende na escuta dos outros?*

SOLENIDADE DO NATAL DO SENHOR

A esperança é Deus connosco.

Celebremos juntos o Natal.

Na introdução doutrina ao texto desta caminhada desenvolvemos algumas considerações sobre a relação entre Natal, esperança e espírito sinodal. Na celebração do Natal, celebramos Aquele por que todos esperamos e veio até nós, para viver no meio de nós e caminhar entre nós, caminhar connosco. O seu nome é Emanuel: Deus connosco. Como disse o Papa Leão XIV, *“na palavra «sínodo», ressoa o «syn» - isto é o «com» - que constitui o segredo da vida de Deus. Deus não é solidão. Deus é em si mesmo «com» - Pai, Filho e Espírito Santo - e é Deus connosco”* (Homília, 7.06.2025).

Com o Natal de Jesus, a Esperança entrou no mundo! Deus cumpriu a Sua Promessa, fazendo-se Homem, em Jesus, nascido da Virgem Maria. Ele é, na verdade, o prometido Emanuel, o Deus connosco. Ao fazer-se Homem, Deus mostra-Se fiel à Palavra do seu amor irrevogável por nós. Por isso, só neste Deus, cuja glória brilha no rosto de uma criança, encontramos uma esperança fiável, uma esperança que não desilude, uma esperança que não se confunde com qualquer ilusão sentimental de que vai tudo vai

correr bem neste Natal.

Esta esperança é, sobretudo, uma luz nas trevas; é uma força de fidelidade na fé e de perseverança no amor, sobretudo nos momentos mais obscuros e de provação na nossa vida! A esperança cristã não é um otimismo fácil: é a certeza, radicada na fé e no amor, de que Deus nunca nos deixa sozinhos e mantém-Se fiel à Promessa. A esperança, que o Menino Jesus nos traz, não vem embrulhada em papel ou em paninhos de lã; é sobretudo a confiança de que, aconteça o que acontecer, estamos a salvo, nada e ninguém nos poderá separar do amor de Cristo. Jamais estaremos sós no caminho. Em Cristo Jesus, Deus caminha connosco e dá-nos a força de caminharmos juntos e com Ele.

Peçamos ao Senhor para saber vislumbrar na debilidade a força extraordinária do Deus Menino, que vem para renovar o mundo e transformar a nossa vida com o seu desígnio cheio de esperança para toda a humanidade.

“Voltemos ao presépio, olhemos para o presépio, observemos a ternura de Deus manifestada no rosto do Menino Jesus, perguntemo-nos: «Há no nosso coração esta expectativa? Há no nosso coração esta esperança? [...] Ao contemplar a bondade de Deus que vence a nossa desconfiança e os nossos medos, contemplemos também a grandeza da esperança que nos aguarda. [...] Que esta visão da esperança ilumine o nosso caminho quotidiano» (C. M. Martini, *Homilia de Natal*, 1980)” (Papa Francisco, Homilia, 24.12.2024).

E perguntemo-nos: *A expressão tão comum “do meu Natal” não contradiz a vinda ao mundo do «Deus connosco»? Quem são aqueles com quem eu concelebro o Natal? Estou disponível para celebrar o Natal na grande família, que é a comunidade cristã a que pertenceço?*

FESTA DA SAGRADA FAMÍLIA A

A família, primeira escola de sinodalidade

Caminhemos na esperança!

“É antes de mais na família, que se experimenta a riqueza das relações entre pessoas unidas na sua diversidade de carácter, idade e função. É por isso que as famílias são um lugar privilegiado para aprender e experimentar as práticas essenciais de uma Igreja sinodal. Apesar das

fraturas e do sofrimento que as famílias experimentam, elas continuam a ser lugares onde se aprende a trocar o dom do amor, da confiança, do perdão, da reconciliação e da compreensão. É na família que aprendemos que temos a mesma dignidade, que somos criados para a reciprocidade, que precisamos de ser ouvidos e somos capazes de escutar, de discernir e decidir em conjunto, de aceitar e exercer a autoridade animada pela caridade, de ser corresponsáveis e de prestar contas dos nossos atos. «A família humaniza as pessoas através da relação do “nós” e, ao mesmo tempo, promove as legítimas diferenças de cada um» (DF 35). O “caminhar com” da vida familiar exige o diálogo contínuo, a coragem de enfrentar os problemas, antes de se transformarem em confrontos, ou mesmo que sejam confrontos, se encarem com uma intenção de esclarecimento, de responsabilização, de respeito pelo outro, de aceitação daquilo em que ele o completa. Esse diálogo torna-se imperativo nas relações familiares culturalmente consideradas como hierárquicas, as relações pais e filhos, as relações educativas. Os mundos dos pais e dos filhos são hoje muito diferentes. Para que a relação educativa seja eficaz e gere personalidades ajustadas exige-se um diálogo compreensivo que supere os extremos do autoritarismo e do indiferentismo, as patologias da obsessão e do abandono e, em vez de conflitos permanentes e oposições insanáveis, gere relações saudáveis e cooperantes que ajudem todos a “caminhar juntos” e a “fazerem caminhos novos” pela vida no Amor da família.

A família, quase sem o saber, ou ter dele consciência, é convidada a fazer permanentemente um caminho sinodal, na sua vida quotidiana. A vida partilhada, as decisões que são tomadas em conjunto são efetivamente sinais de sinodalidade. Todos os dias, em família, é preciso aprender a ouvir-se e a compreender-se, a caminhar juntos, a enfrentar conflitos e dificuldades, a saber esperar pela hora certa, a encontrar os modos adequados de dizer as coisas mais duras, para alcançar a harmonia e a paz em casa. Este é um desafio diário, que se vence com pequenas atenções, com gestos simples de carícia e de perdão, com um diálogo atento e paciente, cuidando de todos os detalhes do amor, nas relações entre marido e esposa, entre pais e filhos, entre jovens e anciãos! “Viver a sinodalidade na família requer o «caminhar juntos», compartilhando sofrimentos e alegrias, dialogando de maneira respeitosa e sincera com todos os seus membros, aprendendo a ouvir-se uns aos outros e a tomar as decisões familiares importantes para todos” (Leão XIV, Discurso, 19.09.2025).

“Avancemos, continuemos a caminhar; não percamos a esperança, por causa dos nossos limites, mas também não renunciemos a procurar a plenitude de amor e de comunhão, que nos foi prometida” (Amoris laetitia, n. 325).

Nota: neste dia, encerra-se o Jubileu, a nível das Igrejas Locais. Na Sé do Porto, celebração, às 16h00.

SOLENIDADE DE SANTA MARIA, MÃE DE DEUS

Toda a nossa esperança é alcançar a Paz de Cristo

Que dia é este que celebramos solenemente? É o último da Oitava do Natal, marcado pela circuncisão e pela imposição do Santo Nome de Jesus! É, desde há 59 anos a esta parte, o Dia Mundial da Paz. Social e culturalmente, este dia tem a marca do «dia primeiro», do «ano novo». Mas a verdade é que o calendário litúrgico tem hoje um motivo central maior: *a celebração da Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus*. Este é, sem dúvida, o maior e mais glorioso título de Maria, assim aclamada jubilosamente no Concílio de Éfeso, no remoto ano de 431, pelo Santo Povo de Deus. Maria pelo seu «sim», abriu a Deus a Porta do Mundo, a Porta da Esperança, a Porta do Grande Perdão, a Porta da Paz. Desde que chegou a plenitude dos tempos, quando Deus enviou o Seu Filho, nascido de uma Mulher (Gl 4,4-7), o tempo deixa de ser cronometrado por um deus devorador, para se tornar, em cada instante, uma graça, uma bênção, uma chance, uma possibilidade, uma oportunidade oferecida por Deus. A história da humanidade, inteiramente grávida de Cristo, deixa de ser vista como um círculo fechado de eterno retorno, para se tornar um caminho aberto de esperança, em direção à plenitude da Vida, que nos é oferecida por Deus. Cada novo ano é, por isso, vivido pelos cristãos, como Ano da graça e como graça de mais um ano. Este é um dia para dar nome às nossas esperanças.

Mas este poderia ser um dia para enaltecer Maria, como Mãe de Deus e exaltar **a vocação e a missão da mulher**. A Igreja precisa de Maria para descobrir o seu próprio rosto feminino: para se assemelhar ainda mais a Ela que, como mulher Virgem e Mãe, representa o seu modelo e figura perfeita (cf. LG 63); para abrir espaço às mulheres e ser geradora através duma pastoral feita de cuidado e solicitude, paciência e coragem materna. Mas, o próprio mundo precisa de olhar para as mães e as mulheres a fim de encontrar a paz, escapar das espirais da violência e do ódio, voltar a

ter um olhar humano e um coração que vê. É toda a sociedade precisa de acolher o dom da mulher, de cada mulher: respeitá-la, protegê-la, valorizá-la, sabendo que, quem fere ainda que seja uma única mulher, profana Deus, nascido de mulher. É reconhecido que “as mulheres continuam a encontrar obstáculos para obter um reconhecimento mais pleno dos seus carismas, da sua vocação e do seu lugar nos vários setores da Igreja” (DF 60). “Não há razões que impeçam as mulheres de assumir funções de liderança na Igreja: não se pode impedir o que vem do Espírito Santo” (DF 60).

Este é um dia de sonhos, de votos, de desejos expressos, que se podem resumir na palavra «paz». A Mensagem do Papa Leão XIV para este Dia Mundial da Paz tem como tema as suas primeiras palavras de saudação, logo após a sua eleição: *“A paz esteja com todos vós: rumo a uma paz desarmada e desarmante”*. A Mensagem convida a rejeitar a lógica da violência e da guerra, defendendo uma paz autêntica construída sobre o amor e a justiça, que não se baseia no medo ou em armas, mas na capacidade de dissolver conflitos, abrir corações e gerar confiança. Toda a nossa esperança é alcançar a Paz: a Paz de Cristo, a Paz desarmada e desarmante, no coração de cada um, na família, na comunidade e nosso mundo. Procuremos transformar a mensagem do Papa para este dia num voto para todos os dias do ano.

SOLEINIDADE DA EPIFANIA DO SENHOR

Os Magos peregrinos de esperança:

Uma admirável troca de dons.

Hoje, em Roma, o Papa Leão XIV encerra o Jubileu, marcados pelo lema «Peregrinos de esperança». E a Liturgia deste Domingo coloca-nos diante dos Magos, peregrinos de esperança, que procuram e se deixam encontrar por Jesus, esperança das nações. Fazem-no, não isolados, mas juntos, em caminho, procurando ler e discernir os sinais da sua presença. Vão por um caminho e regressam por outro.

Os Magos foram considerados como representantes tanto das raças primordiais, geradas pelos três filhos de Noé, como dos três continentes conhecidos na Antiguidade: Ásia, África e Europa, bem como das três fases da vida humana: juventude, maturidade e velhice. Para além de qualquer interpretação possível, são homens que não ficam parados, mas que, como os grandes chamados da história bíblica, sentem o convite

para se moverem, para partirem. São homens que sabem olhar para além de si mesmos, sabem olhar para o alto. A atração da estrela que surge no céu põe-nos em marcha para a terra de Judá, para Jerusalém, onde encontram o rei Herodes. Os escribas, que sabem exatamente o lugar onde nasceu o Messias, mostram o caminho aos outros, mas eles próprios não se movem! Neste momento, Herodes, em segredo, como fazem os enganadores e os violentos, pergunta aos Magos o momento exato do aparecimento da estrela e incita-os a prosseguir a viagem e a voltar para lhe dar notícias, para que ele também possa ir adorar o recém-nascido. Para aqueles que estão agarrados ao poder, Jesus não é uma esperança a acolher, mas uma ameaça a eliminar! Para os Magos, porém, a visão da estrela suscita naqueles homens uma alegria irreprimível, porque o Espírito Santo, que move o coração de quem procura sinceramente Deus, enche-o também de alegria. Ao entrarem na casa, os Magos prostram-se, adoram Jesus e oferecem-lhe presentes preciosos, dignos de um rei, dignos de Deus. Porquê? O que veem? Veem «um humilde corpinho que o Verbo assumiu; mas a glória da divindade não lhes é oculta. Veem uma criança, mas adoram Deus». Os Magos tornam-se assim os primeiros crentes entre todos os pagãos, a imagem da Igreja reunida de todas as línguas e nações. Coloquemo-nos também nós na escola dos Magos, destes “peregrinos de esperança” que, com grande coragem, dirigiram os seus passos, o seu coração e os seus bens para Aquele que é a esperança não só de Israel, mas de todos os povos.

Aprendamos com os Magos a fazer juntos o caminho e a optar por aquilo que tem futuro. Aprendamos dos Magos a fazer da vida cristã uma troca de dons. Tenhamos presente que uma troca de ideias é sempre uma troca de dons. Que a conclusão do Jubileu nos ajude a abrir novos caminhos, caminhos de esperança, na unidade e na diversidade, na partilha dos dons. “Caminhar juntos, em lugares diferentes, como discípulos de Jesus, na diversidade de carismas e ministérios, bem como na troca de dons entre as Igrejas, é um sinal eficaz da presença do amor e da misericórdia de Deus em Cristo, que acompanha, sustenta e orienta, no sopro do Espírito Santo, o caminho da humanidade rumo ao Reino. *A troca de dons envolve todas as dimensões da vida da Igreja*” (DF, n.º 120). *Estamos disponíveis para esta troca de dons?*

FESTA DO BATISMO DO SENHOR A

O que é de todos diz respeito a todos.

Todos esperamos por ti!

Celebramos neste dia a Festa do Batismo do Senhor. Conclui-se hoje o Tempo do Natal e o ciclo da Manifestação do Senhor. Mesmo se o batismo cristão não se confunde, de todo, com o Batismo no Jordão, embora haja elementos comuns, esta Festa permite-nos lembrar a grandeza e a beleza do nosso Batismo, do qual deriva, para cada batizado, o direito e o dever de ser membro vivo e ativo da Igreja do Senhor. Depois de ter reafirmado que o Povo de Deus é constituído por todos os batizados chamados a *«serem casa espiritual, sacerdócio santo»*, o Concílio Vaticano II proclama que *«a totalidade dos fiéis que receberam a unção do Espírito Santo, não pode enganar-se na fé; e esta sua propriedade peculiar manifesta-se por meio do sentir sobrenatural da fé do Povo todo, quando este, desde os bispos até ao último dos leigos fiéis, manifesta consenso universal em matéria de fé e costumes»*. O Povo de Deus é indefetível e infalível no crer e no ensinar.

Ora, qualquer processo sinodal começa por escutar o Povo de Deus, que *«participa também da função profética de Cristo»*, de acordo com um princípio caro à Igreja do primeiro milénio: *«o que é de todos diz respeito a todos»* e a todos responsabiliza. As palavras de Yves Congar *“toda a igreja aprende, toda a Igreja ensina, mas de modo diferenciado”* revelam-se ainda afastadas da experiência quotidiana da Igreja.

Esta festa do Batismo do Senhor diz-nos que o Batismo é mais que uma festa. É o dia da nossa imersão em Cristo e no Seu Corpo que é a Igreja. Os leigos e leigas devem assumir um papel mais ativo na evangelização.

É preciso alargar as possibilidades de participação e de exercício da corresponsabilidade diferenciada de todos os batizados, homens e mulheres, na variedade de carismas e ministérios (DF 36). Nem todos os batizados devem ser ministros e nem todos os ministérios têm de ser instituídos (DF 66). É-nos proposto um acesso mais alargado dos leigos e leigas, em cargos de responsabilidade nas dioceses e nas instituições eclesiais (DF 77; PFI 3.2.b). De recordar que os ministérios laicais de leitor, acólito e catequista foram reconhecidos e podem ser confiados a homens e mulheres de igual modo. Será necessário voltar à Nota Pastoral do nosso Bispo, Dom Manuel Linda, sobre *«Ministérios instituídos na Igreja*

do Porto» e tomá-la como desafio e aceitar o repto de propor candidatos, leigos e leigas, para serem instituídos nestes ministérios. Nestes e noutros, não apenas para o desempenho de ministérios instituídos no campo da liturgia e da profecia, mas também para a sua ação missionária no mundo; criar grupos pastorais, de acordo com as necessidades locais emergentes; valorizar a caridade, nas suas formas institucionais de cooperação com o Estado. Impõe-se-nos uma “ativação criativa de novas formas de ministerialidade e de ação missionária” (Papa Francisco, DF, Introdução).

Todos esperam de ti. Todos esperamos por ti. Interroga-te: Qual é o teu compromisso para a transformação da tua Igreja? Podemos contar contigo?

Equipa de Apoio à Coordenação Diocesana da Pastoral
01 novembro 2025





TODOS ESPERAM POR TI!
ABRE-NOS CAMINHOS DE ESPERANÇA!
CAMINHADA DIOCESANA DO ADVENTO DE 2025
A FESTA DO BATISMO DO SENHOR 2026